

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3500 rs. — Semestre 1500 rs. —
Trimestre 1500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 49. — SABBADO, 6 DE DEZEMBRO DE 1856.

PROVINCIAIS — FRANCO — Anno 4500 — Semestre 25100 rs.
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMARIO.

Manuscriptos ineditos (continuação) — O Castigo do Senhor (continuação) — Dieppe — Coroação do imperador Alexandre II em Moscow — Mythologia — Cafais — Salamandra gigante — Grande fonte em Sans-Souci (conclusão) — Bibliotheca publica em Constantinopola — Torres Vedras — Boulogne-sur-mer — Lenda mexicana — Alda (continuação) — Cintra (conclusão) — Narrativas e Lendas (continuação) — Cathedral d'Assumpção — Chronica Semanal.
GRAVURAS — Torres Vedras — Salamandra gigante — Bibliotheca publica em Constantinopola — Cathedral d'Assumpção em Moscow — Boulogne.

MANUSCRIPTOS INEDITOS.

Sumario das armadas q. se fizeram e guerras q. se deram na conquista do Rio parahiba escrito e feito por mandado do m.^{to} R. padre em Xpō o p.e Xpt.^o de Gouvea visitador da Companhia de Jesu de toda a provincia do Brasil.

Continuação.

Alem do Paraíba ao Norte cinco Legoas por mar e dez pelo Certam está outro grande Ryo a q. chamã Mangoaçé q. entra no mar na baixa da Traiçã o q.¹ Ryo tem aolongo de sy muitas e boas varzeas ate Copaoba, por onde esta capitania do paraiba possuindo maes Varzeas (q. como ja provamos he o melhor do brazil) q. todas as outras capitancias e com iso e conter maes pao brazil q. pernambuco he muito melhor porq. quãto maes p.^o o norte tanto melhor, e com todo o de pernabuco estar de pernabuco p.^o a parahiba se tirara muito melhor pela paraiba com a ajuda daqueles rios no inverno q. em pernabuco, aonde o carreto delle fica muito longe e muito custoso e dificultoso: fica tambem a paraiba maes perto do Reyno sem dobrar cabos e resolutivamente he a melhor Capitania do brazil e tal q. sabido bem o porto segura nã arribar navio as antilhas, q. he grande terço e mui importante ao commercio e navegacãm deste grande estado:

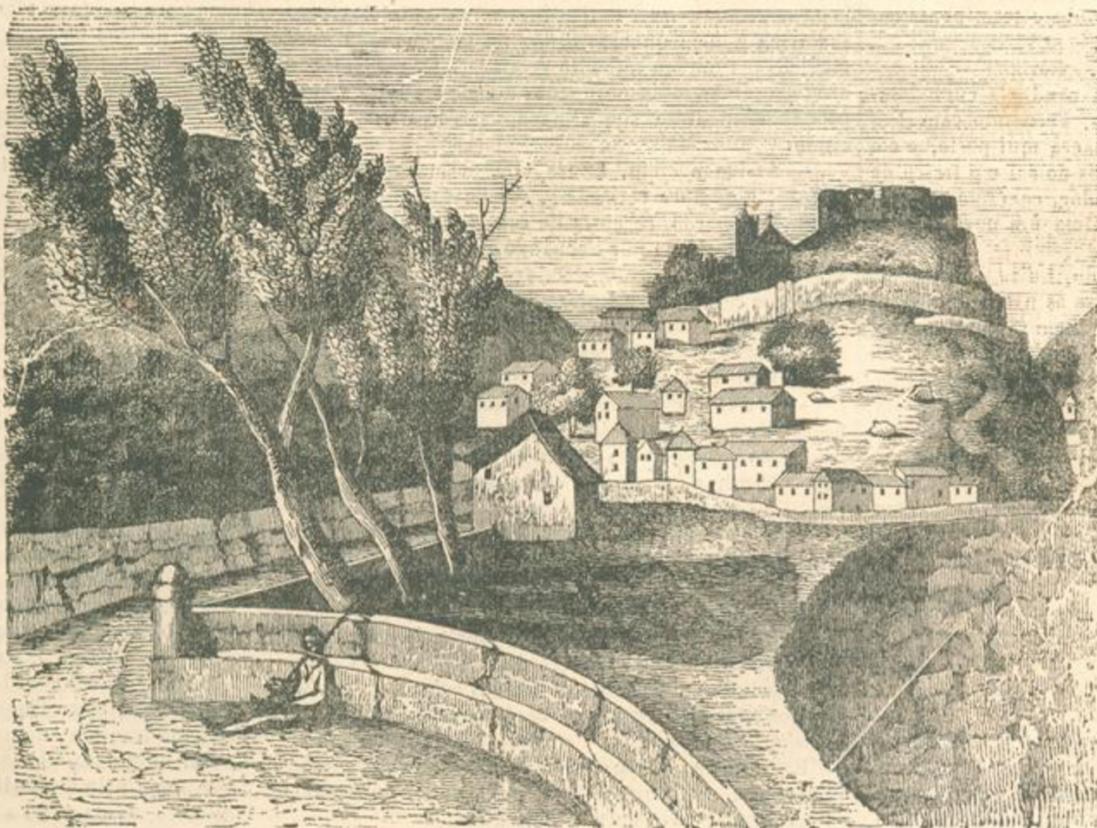
Deixo a ladroçira e colheita de vinte e trinta naos francesas q. todos os años antes de ser nossa aly carregavã tendo suas feitorias sobre sy cada naçam fazendo de hum ano p.^o o outro a cargua cada hum p.^o as suas naos com enja ajuda os negros petigares (o maior em n.^o, e maes como ja disse gerreiro gentio do brazil) de vinte anos a esta parte corriam todas as frontr.^{as} de Tamaraca, q. soo cõ trinta e dous moradores acurrelados na Ilha piedosamente sustentavã a capitania e na de pernabuco ja nã moia tres engenhos e em cõllicão de pejarem outros, por tudo estes petiguaries irem assolando, porq. maes facil-

mente pudessem acarretar e carregar o pao aos franceses, e detal manr.^o se forã aprecebendo e apelidando os franceses em sua ajuda q. se vierã a fortificar a seu modo no mesmo Ryo parahiba com os franceses, Cituandose grãde cantidade de aldeas dos Indios pello Ryo acima de hua e doutraparte por ser a maes fertil cousa de todo o brazil e como ficarã a dez doze legoas das nosas frontr.^{as} corriãnos seguros todos os dias çevados nos saltos q. nos davã, com o q. as Capitancias de pernabuco e Tamaraca andavã tam inquietas e trabalhadas q. nã se ousavã valer dos Engenhos frontr.^{as} nem faziam pao brazil q. he o remedio dos pobres, tam cortados os tinha o medo, e as dividas tam espantosamente consumidos e atribulados, por alguns deverem maes de trinta e quorenta mil cruzados e os mercadores com as dividas antigas q. tiveram quasi principio com a terra tam desacommodados q. se tinham por perdidos mas tomada q.^{1a} fonte da carga do pao no parahiba, arrentou loguo em Pernabuco con tanto proveito como a experientia o mostrou porq. huns pagaram o que deviam, outros se fizeram ricos.

Mas dantes em nada avia conselho nem ordem por os nossos em nada a terem nas guerras q. mal lhe davam como foram as q. lhe deu hum A.^o Roiz bacelar capitam da Ilha Tamaraca q. estas e outras nunca serviram de maes q. fazelos destros insinãdoos apelejar por q. en quasi todos os recontros e saltos q. neste tempo con nosco tiverã e nos derã levaram sempre o melhor e a fama de tãtas victoreas continuo decia gentio a carniça com q. se do-

bravã as oppresoens destas duas Capit.^{as} q. parece pola malicia dos moradores dellas encerraram de d.^o provocãdo aos Indios a rompimento com o mao tratamento e repostas q. a seus servicos davam, sendo elles nisso mui certos e proveitosos e nos cativr.^{os}, q. (quebrandolhes a fee contra todo direito natural e das gentes) lhes davã; porq. no tempo das pazes erã estes petiguaries o melhor gentio desta terra e costa mas a cobica dos m.^{res} principalmente das misturas do brazil da naçam mameleucos e degradados costumados a se vistir e banquetear das suas pelles q. todos por todas as vias sem exceicãm recolhem as bolças vendendoos sem temor de d.^o nem medo do castiguo q. realmente como estas culpas sam das cabeças nunca por estas cousas se deu no brazil, esta tirania tam impiamente usada no brazil, estragou, assolou, e danou, tudo nem deixarã por estas injustas avexações q. se fazem aos Indios de vir grãdes açoutes ao brazil senã provem cõ grande ordem exemplares e regurosos castigos contra estas cabeças, Ainda q. parece q. todos os castigos q. d.^o daa aos q. continuã o certã he por esta causa porq. he pasmar o atrevimento e sultura conq. a tanto custo hos homens se deixã andar naquele grande certam por espaço de dous tres ou quatro e muitos años sem d.^o sem mantimentos nuns como salvagens e sogeitos a todas as persiguições e miserias do mundo se metem os homens duzentas, trezentas e quinhentas legoas pello Certam dentro servindo ao diabo con tanta curiosidade de martirio por resgatar ou furtar peças como os padres antigos do hermo o faziã por xp.^o: isto sam cousas tam notorias e molestam sem remedio q. como christam me forçará a fazer esta lembrança.

O pao desta capitania he o maes e o melhor q. se sabe por ser a derradr.^o deste estado da banda do norte do q.¹ pao ha nella grandes matas e por ser a melhor mercadoria deste estado deu nome a toda a provincia sendo o seu proprio nome terra de sancta Cruz se chama vulgarmente do Brazil o q.¹ he hum pao feo a vista tem a casca grossa e espinhosa a folha do q.¹ quer parecer de Amieyro he de maes importantia q. o pastel p.^o todas as tintas por se darem com elle quasi todos e hum soo pao daa cinco de q. a pr.^o e a segunda sam muito escuras, a terer.^o e quarta sam as melhores. E asy pella experientia q. disso se tem se diz q. sam necessarios todos os años e bastam deste trinta mil quintaes p.^o a nossa Europa. Das outras capitancias o pao nã daa maes q. duas tintas.



Torres Vedras.

Continua.

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação

XVI

O PALACIO DA ENCOSTA.

Berta, tomando de novo o fio da narração que abandonara na vespera, por se achar cansada d'uma tão comprida historia, proseguiu:

— Dois mezes apenas, mudaram a sorte de todos os personagens d'esta narrativa.

Fernando, socorrido logo por seu pae, deu mais trabalho para que se lhe cicatrisassem as feridas moraes, que tão dolorosamente o haviam ferido, do que para curar-se d'uma arranhadura dada por um braço debil e fraco, e que só do seu amor tirara a energia que valera um grande crime, e que ainda assim torturava cruelmente a alma da virgem.

Laura, separada de todos, chorava ajoelhada aos pés do crucifixo do seu quarto; nem mais vira Eduardo desde o momento fatal, e jurara logo em seguida ao golpe de seu irmão, se elle morresse, não se ligar jámais ao homem pelo qual se fizera criminosa.

Paulino, por conselhos de Luiza e do Filho da Tormenta, e porque a sua amante d'outras eras lhe fizera ver ser este o unico meio de abraçar ainda Eduardo como filho, e tinha posto em seu poder toda a fortuna de D. Carlos, Paulino, que de ha muito amaldiçoava aquella vida de constrangimento a que tinha sido arrastado pela força, havia reunido os seus companheiros, que eram já bem poucos comparados aos que tinham sido n'outros tempos.

— Amigos, disse elle, a nossa força diminue em cada dia; as nossas riquezas, amontoadas ha tanto, igualmente divididas entre nós, asseguram-nos uma vida independente em qualquer cidade da Europa. Nós, pela maior parte estamos velhos; não esperemos a morte em novos empenhos arriscados. Partamos!

O Filho da Tormenta, firme nos principios do seu amigo, instou com aquelles que pareciam querer prender-se ainda ao crime, e em poucos dias todos tinham partido em diversas direcções. Unicamente se acharam no palacio Paulino e seus filhos, o seu salvador, Luiza, e os criados que tinham voltado.

O Castigo do Senhor, que não soubera da sua partida, depois de os ouvir certificou-lhe que não pudera demorar-se na cidade, como dissera a Fernando, e que regressara ha pouco.

Luiza tinha conseguido a realisação dos seus mais doirados sonhos, que era arrancar o irmão de seu esposo, e o pae de seu filho á horda criminosa que o cercara quasi desde a infancia. Mas ainda não estava completo o seu proposito; era mister fazer-lhe trocar aquella habitação, onde cada passo recordava um crime, por a mansão pacifica e honrada, onde ella passara a sua infancia ao lado de seu pae, que a esperava no ceo; onde vira e amara o seu unico amor, e onde pela primeira vez admirara a honra do que por vinte annos lhe deu um nome virtuoso e nobre, por um coração maculado por... loucura ou crime!

Paulino resistiu para deixar os tectos que o abrigaram innocente ainda; mas o magico poder da unica mulher que se ama na terra, é imperioso e terminante como a vontade de Deus.

O Castigo do Senhor obedeceu.

Um dia, o Filho da Tormenta conduzia cuidadosamente, e na mais commoda liteira, Fernando convallescente ainda; o palacio da Encosta era mui perto, e em vez de encontrar tormento, os raios do sol e o fresco da tarde foram como balsamo consolador, com que o Omnipotente começava a atear-lhe na alma um novo e sacro fogo.

No mesmo dia Paulino, Eduardo, Luiza e Laura, seguiam de perto os seus amigos, e se os não acompanharam é porque Laura jurara, e ninguém sabia o *porque*, de não tornar a sair do seu quarto, e muito menos a ver seu irmão, sem que elle estivesse completamente restabelecido; e de feito, apenas entrada no palacio da Encosta, encerrou-se no aposento que lhe fôra destinado, e lá morreria se Luiza, terna e carinhosa, lhe não levasse o alimento indispensavel.

Pranteava Eduardo tanta dôr; porém Laura não cedia, e nem durante o caminho, da casa isolada para o palacio de Luiza, pôde o mancebo angustiado colher uma unica palavra dos labios da pobre menina.

Faltava ainda o cumprimento d'um desejo para alegrar o coração de Luiza. Era ver o seu filho nos braços do pae.

Fernando estava muito melhor.

Estamos no palacio da Encosta.

No declive d'um lindo valle, cercado de castanheiros e nogueiras, existe o formoso jardim que viu os primeiros annos, e os primeiros amores de D. Luiza. Um eirado levantado no cume do palacio, que ainda conserva, apesar de renovado, grandes visos senhoriaes, avista ao longe vastas planícies, esmaltadas pela relva, e retalha-

das por pequenos povoados, que similham em distancia o immenso tumulo d'um gigante que se finara ali.

As salas são vastas, espaçosas, e sumptuosamente adornadas. Se o dedo de Deus ali pairasse seria o paraizo na terra para os seus habitantes.

Os ultimos raios do sol que morria no horizonte doiravam o topo dos ramos do bosque, e penetravam ainda atravez das vidraças, allumiando Luiza e Paulino, que sósinhos fallavam então do seu futuro.

— Estou livre! disse melancolicamente o que fôra o Castigo do Senhor; quebraram-se todas as cadeas que me prendiam ao crime; se não regresso á felicidade, não terei ao menos em cada hora novos soffrimentos e desesperos. Era tempo de expellir a deshonra que se ligara a mim desde o berço... mas o mundo não comprehende o novo nascimento da virtude, cospe sempre nas faces um stygma indelevel. Porque não posso eu dizer ao remorso que fuja?!

Era doçoroso e triste o sentimento magoado do misero Paulino.

Luiza, pondo sobre o joelho do pae d'Eduardo a mão tremula, começou com essa voz consoladora e amiga que Deus concedeu á mulher:

— Hasde poder! Deus, restituindo-nos um ao outro, parece querer fazer-nos esquecer os nossos tormentos de vinte annos. Lancemos um veio sobre o passado. Foi Deus que te deu coragem e poder para abandonar a cohorte criminosa que te cercava, e é ainda elle que hade inspirar Eduardo a abraçar-te como pae.

— Oh! que o ceo te ouvisse!

E duas lagrimas brilhavam no rosto do pobre velho, que proseguiu:

— Não ouso esperal-o assim. O Redemptor, pela tua voz, mulher abençoada, foi quem me deu força para faltar com a presa, que devia pertencer-me, a sede d'ouro dos homens que me rodearam; mas não basta. A deshonra é uma mancha indestructivel; e como o passado se não pode ligar ao futuro, tambem a pureza de meu filho não poderá ligar-se jámais ao pae que o infamou, ainda antes de nascer!

E erguendo-se rapidamente, allucinado por ver perdido para elle o amor d'Eduardo, bradou:

— Oh! porque não é elle criminoso!

— Paulino, não blasphemés! atalhou a mãe, cheia de medo e terror.

— Oh! meu Deus, meu Deus, perdoae a minha loucura! Perdoae-me tambem, pobre Luiza.

E caiu de novo sobre a cadeira.

— Serás feliz, dizia ella de mansinho; acompanhante todos os que amas: Laura, Fernando...

— E tu, minha boa, minha excellente amiga! exclamou elle, animado pela convicção que traz ao espirito do homem uma affeição de muitos annos. E o meu filho... sou injusto ainda, disse elle depois d'um momento de silencio; tenho igualmente ao meu lado Theodoro, o meu verdadeiro amigo, o meu salvador... foi só elle que recusou o premio do crime, e que me acompanhou pobre... e para viver ao teu abrigo, se a sociedade não quizer a sua intelligencia e os seus braços... Todos os outros partiram satisfeitos... oh! Luiza, eu... os meus... toda aquella multidão, era o refugio de todos os crimes; era um mercado de deshonra; os desertores, os assassinos, todos achavam abrigo ao meu lado. Oh! porque não morri eu antes de te ver, antes de te amar!...

— Porque Deus quiz dar-te no mundo a punição dos teus erros, tornou Luiza, e depois da expiação a ventura. Tudo nos protege. Fernando emfim livre de perigo, já te assegurou que muito lhe apraz unir elle mesmo sua irmã a meu querido filho, no momento em que os medicos permitam que elle veja sua irmã; a pobre menina acreditar-se-ha perdoada, e hade ser feliz... o tempo desannueará a sua alma dos terrores que a matam ainda.

— Assim o creio. Laura tem permanecido chorosa sempre, e sempre retirada... nem uma unica palavra dirige a Eduardo, receiosa de commetter um crime, por não estar perdoada por Fernando... infeliz!... foi elle o unico culpado!

— De certo, disse Luiza, firme e convicta; Fernando é o culpado dos nossos males, e dos seus!

— Todos serão felizes, disse Paulino, e a sua felicidade é quanto podemos pedir ao Senhor.

— E a nossa! interrompeu Luiza; teu filho chamarte-ha pae... depois a vida do esquecimento do que já Deus lançou ao passado, e a aspiração formosa do futuro, até que ao Senhor lhe agrade chamar-nos ao tribunal divino!...

— E poderei, disse o Castigo do Senhor, conquistar esse nome de amor?

— Espero em Deus que sim! redarguiu Luiza, apertando as mãos que erguia para o ceo.

— Oh! bradou o chefe da cohorte de sangue; essa punição seria a mais terrivel de todas!... Eu, que tenho esgotado longamente os fundos calices da expiação, não poderia ter forças para tão grande magoa!... Oh! Luiza!

E Paulino, de pé, olhando attentamente a mãe de Eduardo, e como que pedindo ao Salvador do mundo nova coragem e novo animo, proseguiu:

— Oh! Luiza, heide vê-lo, fazer-lhe essa declaração terrivel que encerro no fundo da minha alma, que é de

ha muito como um remorso, doloroso sempre, e cobrando a cada instante alentos novos; heide fazer-lh'a... minha boa Luiza, nada mais me prende á terra do que o amor do meu filho, nada flagella mais a minha alma do que a lembrança terrivel do seu odio!...

— Oh! não! interrompeu a viuva de D. Carlos.

— Ou pelo menos, disse o pae afflicto, do que a indifferença de meu filho, do sangue do meu sangue, da alma da minha existencia! Heide lançar fora de mim este fardo terrivel com que não posso!

E erguendo ao ceo os olhos cheios das lagrimas do soffrimento doloroso que o opprimia, continuou:

— Oh!... existencia minha, quem nunca te vivera!...

— Pensas na morte! disse Luiza vivamente.

— Não.

— Todavia...

— Foi loucura.

— Mas tu crês?...

— O que?...

— Que possa eu sobreviver-te?

— E porque não?

— Paulino, nunca me tiveste amor!

E Luiza chorava. Não podia comprehender que o seu amante d'out'ora não amasse a vida no momento de ver essa mulher, que como tal devera amar, e o seu filho.

Uma alma candida e innocente não pode conhecer os remorsos, e veda-lhe por isso o braço bemfazejo do Senhor o conhecimento das profundas e dolorosas magoas com que a sua justiça opprime o coração dos criminosos, embora arrependidos.

Luiza via a sua vida de soffrimento, por um crime de que não podia acreditar-se culpada; via a sua alma pura sempre, o amor de seu filho, e finalmente a posse do unico homem que soubera amar na terra.

Paulino, porém, via uma longa vida de crimes, um remorso que nascia sempre do remorso que morrera; via a impossibilidade de poder seu filho apertal-o nos braços como ao seu melhor e mais desvelado amigo; não tinha forças para abusar de novo do amor, ou antes da dedicação de Luiza, para ligar ao seu o destino d'aquella mulher; via-se por consequencia pobre, sem apoio, sem auxilio nem protecção!

Ella era feliz; elle, desgraçado.

Era o premio da virtude, e o castigo do crime!

Mas Paulino proseguiu fallando ainda com Luiza, que chorava:

— Não te amar! oh! não prosigas!... mas não vês que eu diante de ti, diante do meu filho, se porventura o abraçar, como espero, teria sempre de caminhar com os olhos baixos, de envergonhar-me sempre! E não quero, não quero, comprehendes?... Eu desejei abraçar-te, mostrar-te que pelo teu poder deixara o crime... quero abraçar o meu Eduardo como um filho querido do coração; mas para que me seja esse abraço como um prognostico do indulto do Senhor aos meus peccados immensos. Vae, falla-lhe, pede-lhe que venha. Não te demores, vae.

— Diz-me a minha fé, bradou Luiza, que hade ser o seu amor que te hade chamar onde a minha voz não tem forças para arrastar-te! Eu vou.

— Antes de tudo, tornou o Castigo do Senhor, quero ver e fallar com a minha filha; hoje mesmo as nossas sortes serão todas decididas. Laura irá ao encontro de seu irmão, e sou eu que já corro ao encontro da desgraçada, e d'aqui a uma hora, escuta bem, Luiza, d'aqui a uma hora eu estarei n'esta mesma sala, e será jogado aqui o meu destino na terra, e a minha salvação eterna, porque se o meu filho me repellisse dos seus braços... eu não poderia crer na misericordia divina!

— Muito bem, disse Luiza, dentro d'uma hora.

— Dentro d'uma hora. Repetiu Paulino.

Luiza foi ao encontro de Eduardo. O Castigo do Senhor dirigiu-se para o quarto de Laura.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

DIEPPE. (*)

Um dos portos de mar na costa da Mancha, tambem mui frequentado para banhos, e que é o quarto na ordem principal dos que servem de communicação intermedia-ria de Inglaterra e França, além d'aquelles de que n'este numero fallamos, é Dieppe, a que a navegação, principalmente de pescarias longinquoas, deu incremento. No seculo undecimo não passava de uma pobre aldéa de pescadores; mas crescendo em trafico que teve principio na armazem de navios para colher, salgar, e conduzir a diferentes mercados o harenque e a sarda, progrediu ainda mais depois que o descobrimento da America lhe offereceu a pesca do bacalhau; e os habitantes de Dippe foram os primeiros colonisadores do Canadá.

Dieppe, afóra Duquesne e outros homens celebres na armada franceza, ufana-se de ser patria de la Martiniere, autor do famoso dictionario geographico, historico e critico, cuja primeira edição foi na Haya em dez volumes de folio, desde 1726 a 1730; obra que ainda hoje é con-

(*) Vide o num. 48.

sultada com proveito, porque na parte relativa á antiguidade não tem sido substituída perfeitamente e como a materia o demandava a favor dos eruditos.

M.

COROAÇÃO DO IMPERADOR ALEXANDRE II, EM MOSCOW.

I

As festas de Moscow excelleram em magnificencia e apparatus quanto a seu respeito antecipadamente se imaginara. Harmonisaram-se as tradições dos tempos passados com o actual poder e riqueza do imperio dos czares, para o seu effeito de humbrar a admiração dos concurrentes. Escolheu-se a propriamente para este fim a admiravel metropole da Russia, que ainda hoje é para os russos o ponto central de sua fé, devoção, amor patrio, e historia.

Daremos primeiramente uma resenha da solemnidade com que o imperador, vindo do palacio de Petrowsky, entrou na cidade e no Kremlin, e depois fallaremos das festas da coroação.

Desde o amanhecer do dia destinado para essa entrada solemne, milhares de pessoas circulavam pela extensa rua que de um palacio conduz ao outro. Em muitos pontos d'ella se tinham levantado tribunas para as autoridades e para alufar. A guarda imperial de infantaria estava postada de ambos os lados em alas, com tres filhas de fundo. As casas que são de grande frontaria, e poucas com mais de tres andares, tinham as janellas, os terraços, e telhas dos chefes de espectadores. As janellas, principalmente, estavam vistosissimas com armações, cobertas e grinaldas de flores.

Eram tres horas quando tres tiros de artilheria annunciaram que o imperador saía do palacio de Petrowsky, e a comitiva imperial se punha em marcha. N'esse momento ressoaram todos os sinos das quatrocentas egrejas de Moscow. Rompia na frente uma pequena secção da guarda civil a cavallo, e seguiam-se os *tsherkess* que formam parte da guarda do imperador, milicia de um aspecto verdadeiramente marcial, e montada em excellentes cavallos, vestindo um traje tradicional de cores mui vivas, sabre recurvado, carabinas e pistolas de uma construcção especial, silhas e chareis guarnecidos de prata, e lanças com bandeirolas de varias cores, reunindo a todo aquelle armamento o arco e as frechas, como era uso dos povos nomadas. Estes guerreiros faziam recordar os de Iwan o Terrivel, e os esquadrões de Saladino.

Aos *tsherkess* juntavam-se os semi-selvagens *bashkirs* e a estes seguia-se um esquadrão de cossacos do mar Negro, e que fazem parte da guarda, montando uns cavallos negros e pequenos, porém muito fogosos. Os cossacos, com os uniformes encarnados, os gorros negros de pelles, as lanças com as hasteas pintadas de vermelho e bandeirolas brancas e encarnadas, tinham um aspecto phantastico. Outro regimento de cossacos, tambem da guarda, vinha na retaguarda d'aquelles, deixando fluctuar ao capricho do vento os seus *dolmans* azues, muito parecidos aos dos husards. Depois d'esta escolta militar seguia-se o verdadeiro cortejo official.

Marchavam a dois e dois de frente, e a cavallo, precedidos pelo grã-marechal da nobreza do districto de Moscow os membros da alta aristocracia do imperio, uns com uniformes, e outros com os trajes dos antigos boyardos russos, que é uma tunica bordada com pedras preciosas, um cinto de ouro guarnecido de diamantes, e um gorro alto com pennacho e adornos de brilhantes. Ostentoso que era este corpo da nobreza, a cavalgada que o seguia sobreexcedia-o em interesse. Compunha-se dos deputados das raças e tribus asiaticas sujeitas ao sceptro da Russia, vindos expressamente para estas solemnidades dos mais remotos extremos d'aquelle vasto imperio — eram os *bashkirs*, e *kalmukos*, os *tsherkess* e *tartaros*, os *kurdios*, *armenios*, *georgios*, *samoyos* e *chins* dos afastados confins da Siberia. Iam todos montados; alguns com as cabeças descobertas cingidos os cabellos com placas de ouro; outros com uma chapa d'este precioso metal sobre a fronte, e varios com gorros de pelle de carneiro guarnecidos de diferentes joias. Eram as suas armas mosqueadas á antiga, com morrão, lanças, azagaias, yatagans, hachas, e punhaes de feitiços exquisitos, com os variados trajes de uma infinidade de cores. Uns montavam sem estribos, outros usavam um tal apparatus que davam ás cavalgadas uma posição horizontal. As gualdrapas eram de um luxo verdadeiramente asiatico. Via-se emfim toda a casta de freios e sellas usadas desde que o cavallo se submette á vontade do homem. Entre estes representantes distinguia-se os embaixadores tartaros, de uma bizzarria selvagem nos fatos e nos arreios dos cavallos. Todos estes improvisados diplomatas montavam excellentes cavallos; porém costumados a galgar as planicies n'uma furiosa corrida, mostravam-se constrangidos n'aquelle passo lento e medido de um cortejo official, e por isso a cada momento se empinavam.

A esta cavalgada, que se assimilava a um dos sonhos phantasticos das *Mil e uma noites*, seguia-se uma secção de cavalleiros da guarda, de estatura gigantesca, vestidos de fardas brancas, armados de coiraça com capote de metal doirado, e montados em cavallos tambem gigantes. Unido a este destacamento vinha o primei-

ro esquadrão da guarda, que tambem attrahia a attenção pelo seu extraordinario luxo.

Enthusiasticos vivas dados pelo povo annunciaram a chegada do imperador. Alexandre II Nicolawitsch tem em toda a sua pessoa a magestade tranquilla e altiva de seu augusto pae o imperador Nicolau, juntando-lhe comtudo mais uma pouca de suavidade na expressão e no olhar dos seus rasgados olhos azues que brilham com serena bondade. Vestia uma farda verde na qual ostentava muitas condecorações, calça encarnada, e um gorro com plumas brancas, pretas e cor de laranja. Mostrava na physionomia uma especie de intimo enternecimento por tantas demonstrações de affecto do seu povo, que realmente o adora. Montava um cavallo, que sem encarecimento era o mais magnifico possivel. A seu lado, porém coisa de dois passos mais á retaguarda, iam os seus dois filhos, o grã-duque Nicolau, herdeiro presumptivo, e o grã-duque Alexandre; depois os irmãos do imperador, os grã-duques Constantino, Nicolau, e Miguel. Os principes Romanowisk, o duque de Leuchtenberg, o principe de Oldenbourg, os principes estrangeiros, e mais de trezentos officiaes generaes do exercito russo, entre os quaes citaremos Gortschakoff, Osten-Sacken, Luders, e Menschikoff, e com estes grande numero de famosos militares estrangeiros formavam a Alexandre II uma escolta digna da coroa que dentro em pouco tinha de brilhar na sua frente.

Dirigiu-se o cortejo para a porta da Resurreição, pela qual, penetrando no interior do Kremlin, dentro em pouco se perdeu de vista. Duas grandes portas abobadadas conduzem aos pateos interiores do castello e á capella de Nossa Senhora. Apenas o imperador chegou ao pé da escada, que estava adornada de riquissimas alcatifas, apeou-se, e depois de ajudar a imperatriz viuva e sua esposa a descerem dos coches, dirigiu-se com ellas á capella, e ao cabo de uma curta oração reuniu-se ao cortejo que o esperava no interior do grande pateo.

A porta d'este pateo achavam-se o governador militar de Moscow, e as autoridades civis. Nos espaçosos pateos do Kremlin estava reunido muito povo, que apenas avistou o imperador prorompeu em clamorosos vivas. O cortejo avançou lentamente por entre aquelle povo, na direcção da porta do Salvador, onde todos se descobriram por ser n'este ponto que devia ter lugar a recepção solemne do imperador pelo chefe superior de Moscow e chefes immediatos e officiaes civis ás suas ordens. O clero revestido de magnificos paramentos achava-se postado em frente da galeria de columnas, e o senado em ambos os lados da entrada da cathedral. Ahí foram os imperadores recebidos pelo santo synodo e clero d'aquella egreja. Quando o synodo offereceu a agua benta a SS. MM. entou um canto solemne, e acabado este, a familia imperial entrou no templo, o que se annunciou á cidade por uma salva de oitenta e cinco tiros.

SS. MM. depois de orarem defronte de varias imagens sagradas, entre ellas a da Virgem Nossa Senhora pintada pelo evangelista Lucas, dirigiram-se acompanhados do metropolitano de Moscow á egreja do archanjo S. Miguel e da Transfiguração do Senhor, e d'ahi ao palacio do Kremlin, onde foram recebidos pelo clero do palacio com cruz alçada, e pelo grã-marechal da coroação e outros dignatarios da corte imperial com pão e sal, que na Russia é o symbolo de submissão e fidelidade.

Uma salva de cento e um tiros annunciou a entrada do imperador no palacio, e n'essa occasião repicaram todos os sinos da cidade, e o povo se entregou ao jubilo e á oração. Foi sublime e terno o aspecto d'este momento solemne, em que a immensa multidão que atulhava os vastos pateos do Kremlin, descobertas as cabeças e ajoelhados imploravam ao Rei dos reis a benção para o seu soberano. Já era noite e ás praças e pateos acudia muito povo, e o palacio, o Kremlin, e a cidade illuminaram-se brilhantemente.

Antes de terminarmos esta primeira parte do nosso quadro descriptivo, devemos dar uma idéa dos coches que figuraram no cortejo imperial. Foram vinte seis, de inestimavel valor artistico, cobertos de ouro e veludo, sendo alguns verdadeiros monumentos historicos, e todos puxados a seis tiros. Iam occupados segundo a ordem hierarchica, pelos dignatarios da corte e membros do conselho do imperio.

Muitos d'estes coches datam dos reinados de Paulo I e Catharina II, e figuraram nas suas coroações. Estes são do estylo á Luiz XV, decorados com muita riqueza, propria do genero. Tem pinturas preciosas, que se não são de Boucher, pertencem comtudo á escola d'este insigne mestre. Outros coches eram construidos segundo o gosto do seculo XVII, mais severo, mais macisso, e mais esplendido. Um d'elles, o da imperatriz viuva, era doirado, forrado interiormente de veludo. Tinha no centro uma aguia de pedras preciosas. Os tirantes eram de um exquisito gosto, cobertos de ouro. Um caçador, com riquissima libré de gala, segurava as redeas de cada cavallo. A comprida linha de coches, cavallos, e caçadores, vista do alto, e pouco longe na perspectiva do Tverskaja, dava á rua um aspecto encantador, que similhava um rio de ouro.

Continua.

Para qualquer ser homem de bem é mister, que todas as suas acções sejam boas: uma só má basta a desconceitual-o.

MYTHOLOGIA.

TI-KANG.

Este illustre personagem é um deus entre os chins. É um deus terrivel, porque preside aos infernos. De mais a mais é o presidente de cinco juizes, e de oito ministros. Assim o representam, cercado de tamanho cortejo, nos seus templos.

Não satisfeitos ainda com isto, os adoradores de *Ti-Kang* julgaram apropriado collocar-lhe no templo, ao lado do altar, além de todos aquelles personagens — juizes e ministros — mais dois quadros panoramicos representando scenas infernaes.

E como são delineadas essas scenas? Condemnados enterrados em caldeiras de azeite a ferver, outros despedaçados, serrados, devorados por serpentes e cães, assados, fritos, etc.

Não deixará de ser a proposito aqui uma pergunta, cuja resposta ficará a cargo dos archeologos: — O santo varão que propoz o projecto da *Inquisição*, teria viajado pelas immedições da China, ou seria sacerdote do rito de *Ti-Kang*? O objecto merece bem as investigações dos sabios.

Para ajudar, pela nossa parte, os investigadores, explicaremos que um dos taes cinco juizes tem o trabalho, apenas vae despachada uma alma de qualquer dos corpos que passeiam por este mundo, de a pesar n'uma balança. Não são arrobas, nem arrateis as medidas porque se balanceiam. São, nada mais, e nada menos, os livros de orações porque o defunto rezou cá n'esta vida.

Já se vê, portanto, que entre esta boa gente china, para evitar as penas do inferno, basta ler muitos livros de orações — ou as muitas orações d'um livro místico, porque a intenção de uma só, que se reze com verdadeira contricção não valerá nada.

Agora o mais bonito está em saber como a alma do pobre mortal é julgada, segundo este rito. Pois é a coisa mais simples do outro mundo. Declarado culpado pelo tal zelador d'aquella casinha municipal, onde nem um bicho de couve pode passar sem ser fiscalizado, pesado, e joiado, se o defunto é culpado — queremos dizer, se não tem carta limpa — é logo entregue a tres dos collegas juizes, que, sem verificarem a aferição das balanças onde pesaram a pobre alminha, deliberam sobre o castigo que se lhe hade dar.

Dada a sentença, não ha appellação nem agravo. É cumpril-a. O quinto juiz — que foi o unico que por ora não entrou em scena — tem um encargo mais sublime. É determinar, cumprida a pena do purgatorio, o corpo do animal a que essa alma hade passar.

Este horror do outro mundo resgata-se facilmente n'este em que vivemos. Dizem os indios que ha duas pontes para conduzir uma alma ao Pretorio infernal: — uma de ouro, e outra de prata. Os *passes* para qualquer d'estas pontes são dados em vida pelos bonzos. É compralhos em quanto andamos por cá.

CALAIS. (*)

Obra de seis leguas de canal, onde o mar resfolga apertado por duas costas fronteiras, separam no ponto mais estreito entre Dover e Calais duas nações poderosas, e rivaes na cultura do espirito, das artes e industria, e em tudo que pode conceber a mente humana; deixando a rivalidade historica e tradicional, ha pouco as vimos confraternisar nas grandes exposições nacionaes a que convidaram o mundo sem temer a concorrência, e o que é mais colligaram-se n'uma campanha que sustentaram e venceram a longa distancia com bizzarria e gloria a despeito de obstaculos de toda a casta e costeando despezas enormes.

A passagem de Inglaterra a França, que por estas duas balizas intermedias se effectuava ainda no primeiro quartel d'este seculo e pelos meios ordinarios da navegação em oito a nove horas, vence-se hoje em duas horas ou alguns minutos mais, fazendo-se o trajecto nas carreiras dos barcos a vapor; a consequencia é ser o transito de passageiros continuo e de mui avultado numero.

Calais é cidade em geral bem edificada e de grande industria e commercio. No «hotel de ville», casa do consistorio municipal, ainda se conserva o bote do balão em que Blanchard, mais feliz do que Rosier, atravessou o canal; e no lugar onde poz pé em terra lhe erigiram um monumento. Eduardo III rei d'Inglaterra tomou-a em 1347 reduzindo-a a submeter-se por via da fome, ao cabo de um cerco em que os habitantes provaram heroica resistencia e acrisolado patriotismo; possuiram-na os inglezes até 1558 em que o duque de Guise a recuperou para a coroa de França; n'esse periodo teve uma epoca de porto franco para todas as nações.

M.

Ao que mata um homem, chama-se assassino: ao que mata milhares, guerreiro: ao que saqueia uma casa, chama-se roubador: ao que saqueia provincias, e nações, conquistador: um é coberto de infamia, o outro de honras, e gloria. Eis-aqui como o mundo tem entendido a moral, e a justiça!

(*) Vide o num. 48.

SALAMANDRA GIGANTE.

A salamandra gigante, que a nossa gravura representa, é assim chamada por ser a maior salamandra conhecida, ainda que não excede a dezoito polegadas de comprimento. É da família dos lagartos, e muito commum em Portugal. Tem pelos lados fileiras de tuberculos esburacados, pelos quaes lhe sae um liquido pegajoso, que deu logar a julgarem-na peçonhenta. Sabe-se porém, pelas experiencias de alguns naturalistas, que não é venenosa.

Em algumas partes da França chamam-lhe *pluvine*, da palavra latina *pluvia* (chuva) pela razão de verem indício de chuva na saída de muitos d'estes animaes fora das tocas. Com effeito, ella foge do sol, e só sae dos buracos em que se aninha, de noite, ou quando o tempo está humido.

Se alguma coisa ha de notavel na salamandra, é na especie aquatica, — saramantiga d'agua (*lacerta palustris*) que, segundo affirmam Spallanzani e Bonnet, tem immensa força de reprodução: nascem-lhe os pés, com todos os ossos, musculos, etc., tantas vezes quantas lh'os cortam.

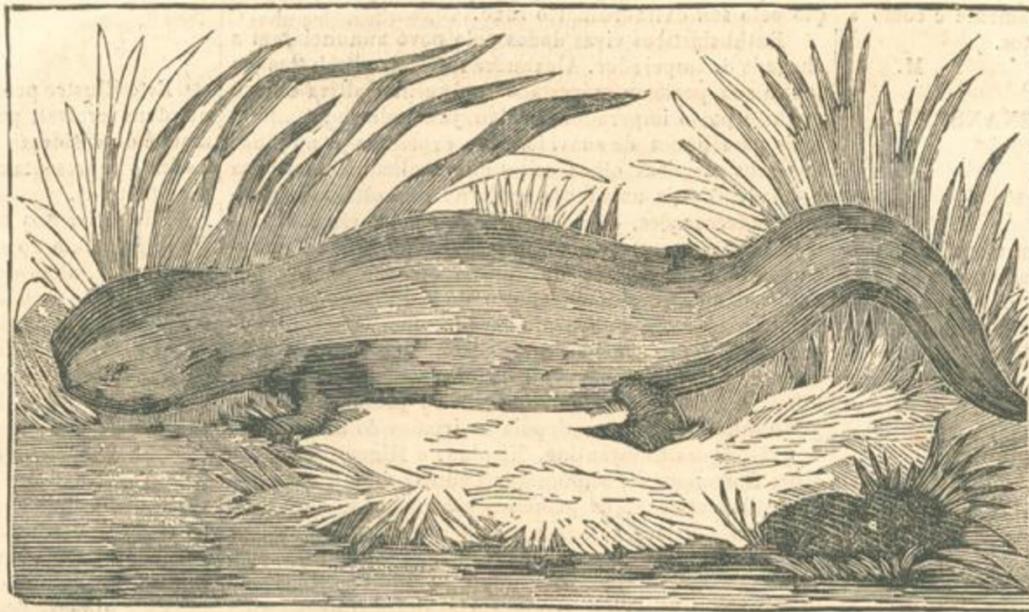
GRANDE FONTE EM SANS-SOUCI.

Conclusão.

A altura total d'esta fonte é de trinta pés. Da bacia superior cae a agua para as outras duas, constituindo as bacias umas folhas de acanthe que a despedem em chuva miuda sobre os differentes hyppopotamos, os quaes offerecem assim o aspecto como se estivessem involtos em uma gaze transparente, arrojando estes tambem a agua a maior distancia. Por entre os braços dos cavallos, vêem-se praticados outros mais pequenos repuxos que lançam a corrente descrevendo um arco junto da borda do grande receptaculo.

Sob o ponto de vista architectonico, esta fonte é muito interessante, porque a grande bacia, cujo diametro mede vinte um pés e descansa sobre um pedestal de quatro pés de diametro, não consta de outro material senão de ladrilhos de Klinker, com revestimento de cimento de Portland.

O estatuario Koch, proprietario do estabelecimento



Salamandra gigante.

de que procedem os materiaes, terá resolvido um grande problema se se confirma a solidez d'esta classe de construcções, porque, mais baratas que de pedra, se poderiam fazer com tal material obras d'esta especie, destinadas a arrostar o tempo, de formas gigantes e complicada ornamentação. Uma bacia como a dos vinte um pés de diametro, talhada em pedra, teria custado, pouco mais ou menos, 1:720\$000 rs. e a que existe agora, custou só 688\$000; e dando-se a circumstancia de ser o cimento de Portland completamente impenetravel á agua, não duvida Koch de que permanecerá em bom estado por muitos annos.

Quanto ao seu merito artistico, é digno sobretudo de notar-se as bellissimas formas dos cavallos, principalmente as cabeças. O modelo é devido ao celebre escultor mr. Kiss, que tambem fez o da Amazona em Berlin, o da preciosa estatua do monumento de Frederico Guilherme que se acha n'este real sitio, e o da estatua equestre d'este mesmo rei erecta em Koenigsberg. Estes cavallos marinhos, com as cabeças em duas differentes attitudes, vasados em zinco, procedem do estabelecimento de fundição do sr. Kahle, pintados depois da cor de pedra.

O debuxo é do conselheiro real de obras publicas, o sr. Hesse, e a parte hydraulica foi executada debaixo da direcção do inspector de obras da casa real, o sr. Gottgetreu.

O conjunto envolve um dos embelleamentos mais encantadores que encerram os jardins de Sans-Souci.

o que se quizer.

A grande maioria das obras são de jurisprudencia e de theologia, estudos a que os turcos mais se applicam.

Ha annos era opinião corrente que nas livrarias de Constantinopola haveria alguns fragmentos da antiga litteratura, escapos á devastação feita pelos tureos, quando tomaram a cidade no seculo xv. Porém em 1799, o doutor Carlyle, auxiliado pelo doutor Hunt, havendo examinado as principaes bibliothecas de Constantinopola, nada achou que podesse dar indício do que com tanto empenho buscava.

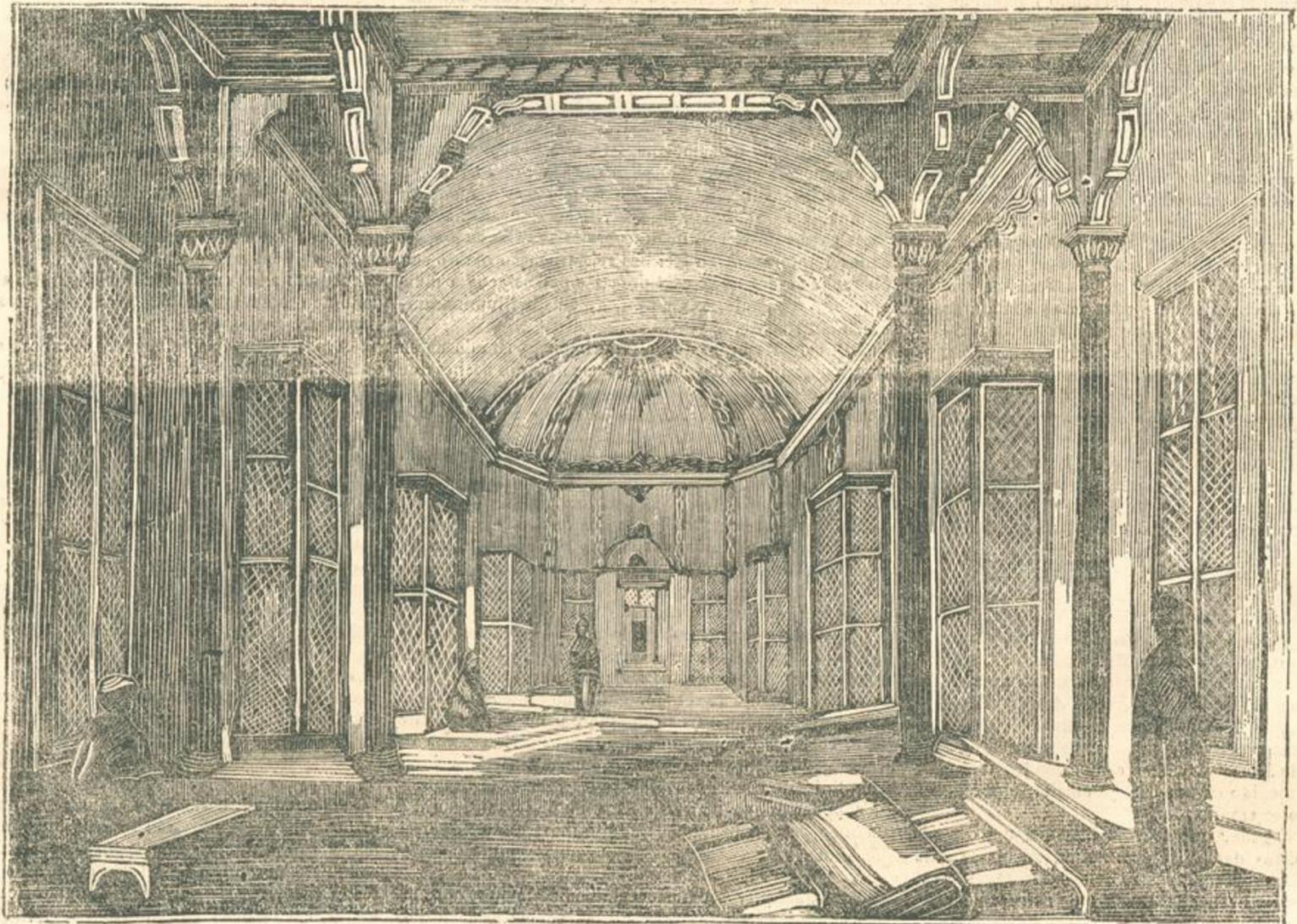
TORRES VEDRAS.

A sete leguas de Lisboa, em uma planicie, está situada a villa de Torres Vedras.

Não se sabe de certo por quem foi fundada; mas julga-se que foi conquistada em 1148, e recebeu foral dado por el-rei D. Affonso III em 1228. Foi cercada de boas muralhas, das quaes mal se descobrem vestigios.

O castello, cuja posição é formidavel, tem uma unica porta, e antigamente tinha casa para o alcaide mór, e um caminho subterraneo para o rio. A villa tambem teve paços reaes, que existiram até fins do seculo xvi, mandados construir por D. Beatriz, esposa de D. Affonso III.

Em 1533 foi cabeça de comarca, e tinha assento em côrtes; em 1557 começou a ter juiz de fora com succes-



Bibliotheca publica em Constantinopola.

são permanente; e mais tarde teve capitão mór, etc. etc.

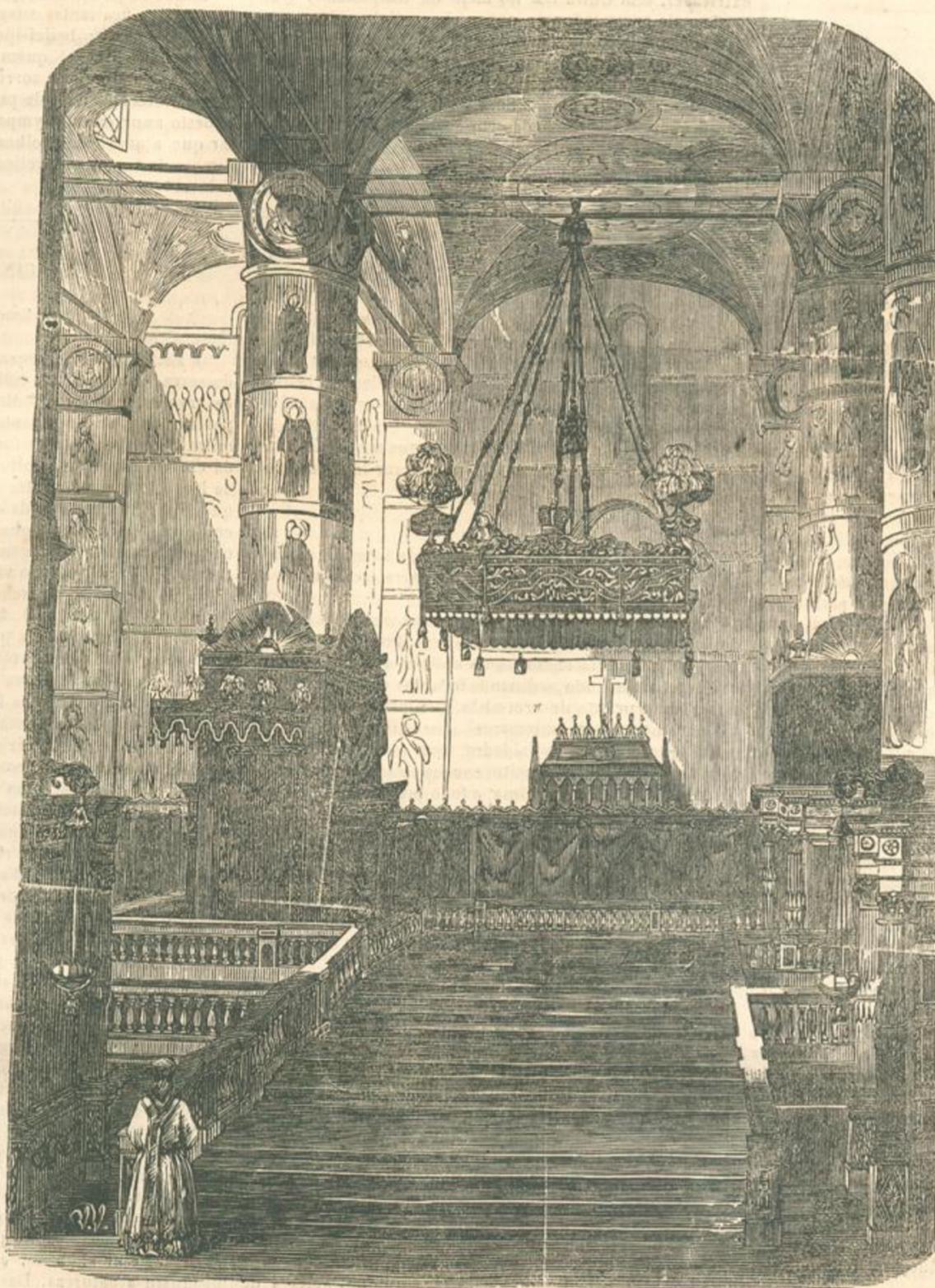
Muitos dos nossos reis consagraram particular afeição a esta villa. Alguns se demoraram lá bastante tempo, chegando mesmo, no tempo de D. João I, a reunir-se ali um conselho, e, na menoridade de D. Affonso III, umas côrtes. D. João II ali recebeu os embaixadores do rei de Nápoles, e D. Manuel os de Veneza. D. João V, D. José I, D. Maria I, e D. João VI por lá passaram alguns tempos.

Torres Vedras é celebre por muitas razões, e a historia patria deve-lhe algumas paginas.

BOULOGNE SUR MER.

Este porto no canal da Mancha disputa a Calais a preferencia na communicação entre a Inglaterra e a França, que de ordinario se verifica por aqui em menos tempo, posto que seja um tanto maior a distancia: apesar da difficuldade do seu accesso nascida de causas naturaes, não deixa de manter activo commercio tanto com o estado fronteiro e no proprio paiz ao longo da costa, como em viagens de longo curso, para o que se fazem consideraveis equipamentos de navios, para mercadejar e para pescarias remotas. As praias de Inglaterra que ficam a nove leguas maritimas avistam-se bem no tempo claro.

O imperio da moda é que lhe tem dado muita voga; aos banhos do mar ali acode na estação propria a flor da sociedade franceza; e quem deu o maior impulso a esta frequencia foi a duqueza de Berry, depois expatriada. Visto que as modas são mudaveis, disseminaram-se em annos futuros os banhistas por outras localidades; porém, Bolonha nunca perdeu a mór parte da freguezia aristocrata ou opulenta; pode ser que leve novo corte em resultado da escolha que o actual imperador, e sua



Ereja d'Assumpção em Moscow.

esposa de ascendencia hespanhola, fizeram de Biarritz nos Pyreneus para a mesma distracção, uso, ou medicina, se é que os banhos são remedio e não puro divertimento para certa classe de pessoas.

Na Bolonha, de que tratamos, fez o primeiro Napoleão seus famosos aprestimos no intento de dar um desembarque na Inglaterra, projecto ousado que não teve effeito; não obstante isso lá está nas visinhanças da cidade a columna de soberbo trabalho que commemora este plano; e ha pouco se erigiu quasi no mesmo sitio uma estatua ao soberano que exhalou os alentos mortaes no penhasco de Santa Helena.

M.

LENDA MEXICANA.

O leitor não adivinha que *Tespié* é o nome, dado pelos mexicanos a uma das suas divindades, nada mais nem menos significa do que o velho Noé, de que Moysés fallou no Genesis.

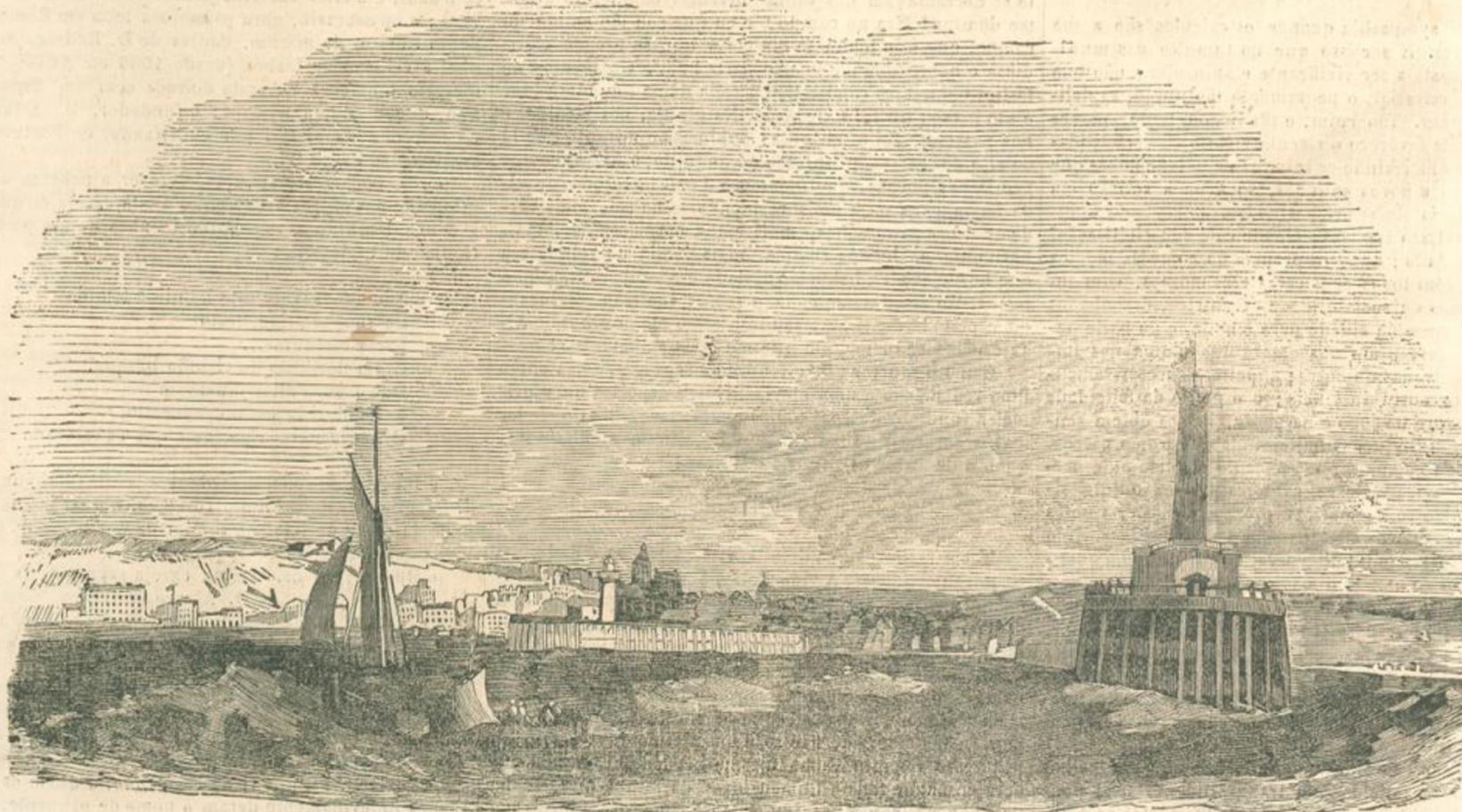
Senão veja-se a lenda dos mexicanos:

«Quando o grande cataclysmo puniu os homens dos seus crimes, *Tespié* embarcou n'um navio da feição de uma arca, ou cofre, com a sua mulher, filhos, animaes e fructos.

«As aguas baixaram depois, e então *Tespié* deixou sair da arca o abutre, que encontrando a terra coberta de cadaveres, com elles se entreteve a ponto de não regressar.

«Todos os outros passaros, soltos por *Tespié*, emquanto encontraram pasto não regressaram. Sómente o *Colibri*, ou *Beija-flor*, regressou ao navio, trazendo no pequenino bico uma fevera de relva.»

O luto, que devia ser a demonstração do sentimento, e saudade; muitas vezes não é mais, que observação de pragmatica.



Boulogne sur mer.

ALDA.

Continuação.

III

Era monotonica mas placida a vida que me deslisara até aqui. Hoje só ha n'esta alma dessocego e incerteza! A metamorphose será uma illusão?

Para que a vi? Porque vim conhecê-la tão tarde?... Quando pela vez primeira entrava n'aquella sala fatal, mal sabia que esse jubilo interior, que se me assimilava a redempção de justo, presagiava infortúnios, porque era aprasivel de mais para que alma de peccador o gosasse todo e inteiro. Para que dizer quem estava n'aquelle recinto de luzes e estrellas? Para que escrever o que n'elle se passara, e o que ali passei? Fôra inutil! É segredo de que só é confidente o coração, que se me converteu em fogo. As cogitações fervem-me como delirio em cerebro excandescido de febricitante!

Será porventura causa de tudo isto a vista, a contemplação attenta d'uma mulher? Será amor? Que sei eu, que nunca o conheci! Entretanto esse vacuo que me parecia ter na vida, como que o sinto menos. Já côres tão carregadas me não insombram os trabalhos d'ella. A tristeza de hoje é doce; as lagrimas são refrigerio, como o modesto orvalho da noite, para o botõesinho descorado. Querera o amor, illusão desde muito morta para mim, renascer por entre o pranto melancolico? Haverá acaso ente creado para fazer sentir-me que vivo, e que a existencia tem encantos verdadeiros? Haverá formas de tão doce e vaga phantasia, olhos de tão maviosa intelligencia, de tão absoluto imperio, que assim convertam idolatras? Ha, sim! Ha mulher em quem o animo, a modestia, a ternura, concorrem como meteoros brilhantes em noite estia. Realça-a a idade da razão, em que muito se sente, e muito se sabe sentir; em que se alliam intelligencia e coração. Já passou d'essa quadra perigosa, em que as graças juvenis da mulher são como os acertos do louco, cujo bom effeito nem dura muito, nem facilmente se reproduz.

E eu, que devia ter perecido para o mundo! Ha aqui junto a mim, com brado ameaçador, o cofre fatal que encerra o segredo de meus infortúnios, a sotaina, a mortalha negra que me lançaram em vida! E nem ao menos me será dado deplorar a perda d'uma liberdade, já hoje irrecuperavel?... Oh! recupera-a quasi me enlouquecera e me matara! Sim, o cumulo da felicidade inopinada, tambem mata como a dôr infausta. Ambas necessitam ser recebidas gradualmente para não enfraquecer. O coração é como o estomago humano; desmoderados e insolitos alimentos não os comporta de subito.

IV

Eu amei sempre a vida solitaria, que excita e perfecciona a sensibilidade; porque a solidão foi feita para o amor feliz; porque para duas almas unidas, e que um mesmo sentimento anima, tem seducções, tem deleites, tem risos de encantar!

«Amavel solidão! tu és o extremo
Dos bens que Jehoval reparte ao mundo!»

Mal vae á sympathia quando os calculos são a sua craveira egoista. É por isso que no tumulto das multidões o amor custa a ser vivificante e animador; não tem o aspecto tão celestial, o pensamento tão unico, as delicias tão ingenuas. Tão ruim, e tão incoherente, parece que a sociedade favorece o circulo vicioso da versatilidade humana. Constituindo-se inimiga da paixão nobre que eleva até Deus e povoa mundos, só ficou a solidão em herança unica ás almas predestinadas.

Quereis retrato typico da cidade e de sua civilização? Olhae para o baile; imagem propria da comedia magica e universal, com todos seus caracteres moraes, com todos os prejuizos da sociabilidade excentrica, desenhados a colorido. Fogem da cidade para o baile, e do baile para a cidade; descansam das amarguras d'uma nas impressões encontradas do outro; appellam successivamente d'uma para outra instancia; e o pleito da felicidade humana, sempre no jogo e na perda, nunca obtem sentença que o solidifique. O baile, inda que o não pareça, é, como a vida commum, espectáculo proprio a despartar o scepticismo. Musicas e cantares perdem o dulcissimo prestigio entre flegmaticas preocupações. As notas mais ternas e gemebundas passam desapercibidas. Não ha vistas, dardejando intelligencia, que se troquem quando os accents de concerto mavioso ecoam, deixando os peitos mudos. Ante dois bellos olhos castanhos, animados, chammejantes, palpitando genio, anhelando amor, nem apparece coração susceptivel de incendio! Tantas reservas e etiquetas, tanto compasso enganoso da marcha, tanto perfilado e intertellado de figuras, não são senão relações mentirosas da policia externa com o senso intimo, intimamente rebelde, e occultamente traidor!

Arrengo do tumulto do mundo, que afoga os melhores germens de felicidade e tranquillidade. Que pode egualar a solidão? Que pode disputar primazias ás docuras do amor de Chactas e Atalá, perdidos em deserto in-

extricavel, sem outra luz no meio da tempestade! Que ha de mais encantador do que a choça d'olmo dependurada sobre o lago, desgarrada entre a espessura do arvoredo, e junto a tudo isto mulher que desperte no coração jucundo palpar, que responda com prodigalidade á confiança e caricias de amor? Será na terrá imagem da vida celeste; será converter o deserto em elisio, crear no mundo encantamento só proprio de fabulosas regiões! É por isso que:

«A grandeza do mundo, ás barras d'oiro
Prefiro um coração onde eu só reine.»

V

Mas esse coração existirá? Conheço-o na terra. Perfeitissima entre os entes creados para decoraçao do portentoso templo da natureza, Alda é como essencia superior, a que não podemos comparar a bondade e belleza caduca: é um anjo, nome, sobre quantos articula a lingua humana, divino, suavissimo!

Alda, sobre tuas candidas azas porque me não levas ao ceo? Oh! que só anjo como tu pode levar lá d'um vôo!

VI

Sonho continuo me consome a vida interior e cansa as facultades d'alma. O acordar de negras realidades, de esperanças impossiveis, será horrivel!

Porque não permaneci indifferente com todas minhas desfavoraveis prevenções contra o sexo das graças? A mulher me apparecia então, como a olhos de moralista descontente, arrastando, seduzindo incautos com choro enganoso, como pranto de crocodilo. Pensava que ella só vivia para nos trazer lentamente o assassinio á existencia, suffocando-nos com as vaidades, com os caprichos, com as soberbas de genio prescito, com opposição tenaz e acintosa a toda idéa magnanima, a todo pensamento de brio, que lhe não tocasse. A mulher, enfim, se me ant'olhava por toda a parte o mesmo ser indomito, reservado, flagellador; presumçosa e petulante; esmagando com fereza de tygre o que alcançara com fementida doçura de pomba. Enganei-me! O meu conceito tinha todos os defeitos da inexperiencia, do desconhecimento da humanidade; — defeitos de todas as proposições universaes moraes engendradas sem lição.

Não: não era assim. Entre as harmonias da criação ora vejo fulgir as brilhantes perfeições da mulher, qual estrella vespertina em purissimo ceo d'azul. No coração lhe imprimiu o dedo de Deus a pureza e fervor dos sentimentos heroicos, a benevolencia do sorrir angelico, a humanidade, a candura. Que maravilhosos legados moraes para realçar o dom das formas d'aquelle ente feiticeiro! Como resistir-lhe já agora, se a mulher nasceu idolo e não escrava?

VII

Desconhecerei ainda na saudade abrasadora que me traz em febres, que é chegada a occasião suprema em que devo amar? Sei-o: sabe-o Alda já! Mas, infelices que somos!... Ali está a mortalha negra que nos ameaça de morte!

A impressão solemne d'esse dia de confidencias mudas, em que os labios mal os cerrara a emoção em quanto se derramavam dos olhos torrentes eloquentes ainda me domina! Era no campo: e eu que sou tão amigo do campo, que não tenho fé em coisa que se pregue grandiosa e nobre que d'elle não parta!... Gosavamos de festim domestico campestre: a cada dama um admirador e um servo: eu fui o de Alda. Na granja, nos jardins, e nos passeios, fui o seu guia: subimos ao mirante que lá do alto devassava, pittoresco e tranquillo, o Atlantico que gemia nas plagas: que momento d'extasis! Junto de Alda havia para mim mais resplendores no sol, mais verde-azul nas montanhas, mais matiz nas campinas, mais harmonia na buzina rustica, mais poesia na vela latina que bordejava na bahia! Animada e encantadora, com a respiração viva me aquecia o rosto: sua mão escaldava-me o peito! N'esta hora saudosa eram-me os olhos de Alda espelho seductor, em que me revia embevecido!

Como o morrer ali, estendido a seus pés, seria então uma redempção e uma gloria! É que depois d'uma primeira fundição de duas almas apaixonadas, não pode ter a vida encantos de tão alto quilate, que mantenham sem quebra de ardor as illusões fatidicas!

VIII

Tem razão os que detestam as côrtes, as cidades, as grandes povoações. A vida d'ellas é phosphoro que se inflamma, passa breve, e deixa apoz si um vapor fetido. A excessiva concorrência de praças, o gyro e agitação da industria e do commercio, os passeios, os espectaculos com sua atmospheria infecta e abafadora, são inimiga monotonica, e magnetismo terrestre do mau gosto. Quanto é mais grato o viver dos campos! N'este estio eis-nos de morada temporaria, não só n'um mesmo lugar, mas no pittoresco recinto d'uma mesma herdade. Como eu pudera gosar de toda a immensidade da minha dita, se ha dois annos, conselhos imprudentes me não houvessem immolado a ambições estranhas!

Ainda ha pouco n'um passeio trocámos esse olhar mudo que significa tantas coisas d'amor! Occorreu-nos uma lagrima ardente; beijei-lhe a mão que colhia flores; e Alda sorriu-se! Oh! quem penetrasse o sentido intimo d'essa lagrima e d'esse sorriso, que podem bem ser delicada condescendencia de peito gelado e indifferente, ou modesto annuncio de sympathia! Só eu não posso duvidar que a amo! Seus olhos são-me enlevo d'alma; e o mimoso da tez, e o angelico da fronte, contemplação insaciavel!

Continua.

CINTRA.

Conclusão.

«Está fundado o conventinho em um retiro, no meio da serra, entre mattos. Subindo a um terreiro, bordado de arvores, com uma fonte, se offerecem á vista quatro portas, duas de dois confessionarios, uma da igreja, e outra da portaria, todas forradas de cortiça. Ao entrar se dá em um corredor de oito palmos de comprimento, e cinco de largo, o qual por entre toscos penedos guia a um pequeno jardim (onde ainda existem bellas hortensias), e ali em lugar eminente se observa uma ermida (em ruina), onde se venerava a imagem de Christo com a cruz ás costas, e junto um limitado vão de sete palmos, entre penedos, que lhe servia de sachristia, o que tudo mandou edificar o cardeal infante D. Henrique, a ermida para n'ella dizer missa, e a cella para n'ella habitar dia e noite, quando procurava este retiro. Em outro lugar mais elevado da cerca se venerava a imagem de Christo crucificado, em uma ermida feita em uma gruta formada de dois penedos. Além d'estas duas ermidas se observa na cerca uma cova, onde diz a tradição, vivera pelo espaço de trinta annos em aspera penitencia o beato Honório; e junto a uma fonte, uma mesa de pedra, em a qual comia el-rei D. Sebastião, todas as vezes que ia a este convento gosar da sombra de suas arvores, e fresca de suas aguas, com as quaes se regava a horta que é pequena, como tambem a cerca. O convento tem um só dormitorio de quarenta palmos de comprimento, e tres de largo, de forma que encontrando-se n'elle duas pessoas, para uma passar recolhe a outra para alguma das cellas. São estas tão estreitas que mais se podem chamar sepulturas; as paredes que as dividem são de barro e palha, forradas de cortiça, a qual serve tambem de forro ás portas. O refeitório é tão pequeno que apenas tem quatorze palmos de comprimento e sete de largo: serve-lhe de mesa uma lage toska, que para este effeito mandou arrancar da serra o cardeal infante D. Henrique, levantada um palmo do chão. No resto das officinas se observa a mais perfeita pobreza.

«Desce-se por sete degraus de dois palmos de altura para o côro, e d'este, por uma abertura feita na rocha ao lado do evangelho, se desce para a igreja. É esta muito pequena; da porta até á grade que divide a capella mórtem de distancia dezoito palmos de comprimento e de largura treze, é de abobada, e as paredes de calhaus que ali produziu a natureza. Das grades até ao altar se contam sómente doze palmos, e este era o vão da primeira lapa, a que a mesma rocha serve de cobertura. O altar é de pedra em mosaico, as paredes são revestidas de pedra branca e azul, e n'ellas em seus nichos estavam varias imagens; e no sacrario, obra primorosa feita em Roma, um Santo Christo de marfim, dadiua de D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa (desde 1636 até 1643), e no sacrario uma cruz de prata doirada com um Santo Lenho, que de Roma trouxera o fundador, D. Alvaro de Castro, quando ali foi por embaixador de Portugal ao santo padre Paulo IV.

«Não poderemos melhor descrever a pobreza e simplicidade dos outros ornamentos d'esta igreja do que trazendo á lembrança as seguintes linhas de um poeta catholico de Inglaterra:

Não adornavam este humilde templo
De vão, erguido, tecto
Ricas molduras...
Eram florinhas do visinho bosque,
Que o puro altar juncavam;
Era o florido seu o ornamento,
O incenso era o perfume que exhalavam.

«Do lado da epistola se observava (até 1834) um quadro com o retrato do beato Honório, o qual jaz na igreja, e da parte de fora, no lumiar da porta, jaz fr. Christovão de S. José, varão apostolico.

«Dos padroeiros, está na igreja sepultada D. Maria de Noronha, viuva de D. Alvaro de Castro, senhor de Fonte-Arcada, commendador da Redinha, a qual na flor da idade, em todo o viço da formosura perdeu o esposo, e sendo procurada pela sua muita formosura por varios senhores da côrte para segundas nupcias, por haver feito voto de castidade se conservou sempre viuva, até que falleceu no anno de 1684, e jaz n'esta igreja, que em vida muitas vezes frequentava.

«Dizia D. Filippe II de Hespanha, a quem os castelhanos indevidamente deram o nome de prudente, quando só lhe convinha o de cruel parricida, sanguinario, am-

bicioso, que duas coisas tinha em seus reinos celebres, o Escorial por muito rico, e o convento da Cruz, na serra de Cintra, por muito pobre.

« Favoreciam muito este convento a rainha D. Catharina, el-rei D. João IV, e a rainha D. Luiza sua mulher, D. Pedro II, e D. João V.

« No dia 3 de maio, dedicado á invenção de Santa Cruz, se fazia a festa com grande concurso dos povos comarcãos, e de outras terras distantes; assim como da gente de Lisboa de todas as cathogorias, e por não caberem na egreja se cantava a missa no atrio.

« D. Francisco de Castro, bispo da Guarda, e inquisidor geral, fallecido no 1.º de janeiro de 1653, deixou 200\$000 réis de juro para reparos d'este convento, e da sua quinta da serra, deixando por administradora d'este legado a misericórdia da villa de Cintra. Pelo decreto de 28 de maio de 1834 coube em sorte ao convento da Cruz ser supprimido, o mesmo que outr'ora serviu de delicias aos nossos antigos reis, e de asylo ameno aos seus religiosos; e ficou desde então abandonado á injuria dos tempos, e em fatal esquecimento; tornando-se por tal arte em albergue de aves nocturnas!... »

NARRATIVAS, LENDAS, SUPERSTIÇÕES E CRENÇAS POPULARES.

CONTO SEGUNDO.

A CAMISA PICADA.

Continuação. (*)

III

AS VISINHAS NO SOALHEIRO.

Ha factos contra os quaes a moralidade protesta e que apesar d'isso a civilisação tem perfilhado, e até como de conveniencia social.

A asserção parecerá audaciosa, e sobre audaciosa parecerá mais de que tudo estranha, quando declararmos quaes são esses factos que atacam a moral e que todavia a civilisação adoptara como convenientes.

Não se espantem, porque é uma verdade; esses factos são os *soalheiros*. Os *soalheiros* tem hoje um cantinho nos jornaes. A maledicencia de viella, a intriga e coscolhice de encruzilhada, as escarapellas e espreitação das enredadeiras de saguão, passaram para os *noticiarios* das folhas periodicas e gazetilhas dos diarios de provincia.

Hoje um *noticiario* não é mais do que a edição, nem sempre das mais *correctas* e ainda menos *illustrada*, de qualquer tiroeteio de má lingua de aldéa; assim como o *soalheiro* era já o instincto, o prurido preexistente da zisanha e bacharellice dos *noticiadores* *periodiqueiros* de agora.

D'aqui o que se infere, é que a curiosidade e a maledicencia, materia prima dos *soalheiros* e, por conseguinte, dos *noticiarios*, são duas irmãs gêmeas, filhas da ociosidade, nune que tem tido cultos em todos os tempos e em todas as epocas, e a que a actualidade ergue templos mais que nenhuma outra idade.

Isto dito passe-se adiante.

Mas a que vem aqui os *soalheiros* e o seu parentesco, natural ou bastardo, com algumas das feições e tendencias do *jornalismo*?

Vem para dizer que, apesar de no tempo em que se passava esta mui veridica historia não apparecer ainda em Portugal nem um assomo, nem um tentame de *jornal* sequer, já o *facto* que o *jornalismo* depois adoptou, isto é, a maledicencia aguçando-lhe o ferrão a curiosidade ociosa, os *supprias* com toda a sua exuberancia de tendencias *viperinas*.

Este *facto* passava-se não mui distante da trazeira da casa do *sapateiro* Jacintho.

Passemos ao local da scena.

Ao descer da casa do tio de Carlota para as bandas dos paços dos duques de Bragança, a trinta ou quarenta passos, mesmo no topo de um pequeno terreiro, via-se um arco de estrutura ogival, resto de ruínas moiriscas que o tempo respeitara e que a tradição affirmava ser parte de um panno de muralha que cingira d'aquella parte Villa Viçosa.

Este arco dava entrada para um pateo, ou espaço intermedio entre varias barracas, espeluncas e cazebres de um lado, e alguns muros de quintaes do outro.

Um pateo, como este que aqui apresentamos, é sempre o campo neutral das praticas quotidianas das palreiras do sitio, o centro commum de ligações de visinhança, especie de salão de hotel de praticas populares, *foyer* de theatro, sala de *cavaco*, ao *soalheiro*, emfim, onde as linguas sarpeadas veem habitualmente afiar-se sobre as reputações, ferindo os intimos das familias, e movendo as mais indecentes altercações e mexericos.

Ora este pateo appellidava-se o *pateo da tarasca*, justamente por ser apregoado em toda a villa como laboratorio de má lingua ou fabrica das mais negras calumnias, e alevies.

Era aqui onde se lia a chronica diaria do que se passava no interior das casas de Villa Viçosa, e onde se acrescentava todos os dias a esta chronica mais uma pagi-

na negra de enredos, ou se apostillava com mais um ou outro episodio de damnada invenção.

Agora tratemos de esboçar os retratos das figuras, que n'esta occasião constituíam o parlatorio quotidiano.

As interlocutoras eram tres matronas, todas proprietarias d'aquella somma de janeiros que azeda os instinctos de má lingua com as rabugices, achaques, desilusões e desapegos proprios das almas frias para certa ordem de affectos, principalmente quando a rudeza de costumes os não tenha deixado acrisolar e desinvolver.

O thema da bacharellice, ou *ordem do dia*, como se diria hoje em phrase parlamentar, versava sobre os acontecimentos recentes, passados em casa de mestre Jacintho, acontecimentos que, apesar de occorridos no interior da habitação do velho sapateiro e lá pela noite velha, já corriam decorados, apostillados, glosados pelas linguareiras da villa, como se os muros do mesquinho cazebre do tio de Carlota se houvessem tornado diaphanos sob o poder mysterioso da vista lucida.

— Olhe; não a viu entrar para casa tão surrateira, sem nem sequer nos dar os bons dias?

— Se vi; nem para aqui lançou os olhos; ou se lançou foi á laia de carneiro mal morto, que olha e não vê.

— Ver viu ella, e de mais; e foi por ver de mais que se esgueirou toda sorida, para não nos fallar.

Estas primeiras palavras haviam-se trocado entre duas das velhas, uma das quaes interrompia por vezes a tarefa de fiar uma tremenda rocada de estopa, quando a vehemencia oratoria a obrigava a esquecer o fuso para se entregar aos maiores impetos da maledicencia.

A outra, que era a primeira que fallara, e se entretinha a fazer estendal de uma pouca de roupa na corda que se estendia ao longo do muro que fechava o pateo de um dos lados, estimulada pelo interesse da palestra, havia-se acercado da visinha.

Quanto á que movera as arguições d'aquella boa gente, era a tia Brazia, com quem o leitor já travou conhecimento no capitulo antecedente, que effectivamente havia passado ao longe.

— Mas que tem a visinha Brazia comnosco, ou que temos nós com ella para ella jogar assim o jogo das escondidas?

— Ora essa! Pois não sabe?

— Não.

— O filho d'ella, André partiu hoje da villa ao romper do sol.

— Diga-me d'essas!... e então para que? Querem ver que fez alguma das suas e que se escapuliu?

— Nada: o caso d'esta vez leva agua no bico: é uma alhada em que não entra só elle, visinha Perpetua.

A velha Perpetua, a este annuncio de uma grande intriga, arregalou os olhos, e uma interjeição admirativa lhe escancarou a bocca desdentada n'um espasmo convulsivo. A sua mão esquerda deixou de caxpiar a estopa da rocada, e a direita, contrahindo-se, fez parar o fuso no rodopio.

— Com que então é uma alhada, e de nome? replicou por fim ella, acordando da especie de lethargo em que caira.

— E em que entram aqui o mestre Jacintho, o sobrinho e a sobrinha, e mais outro figurão de que eu não digo o nome.

— Mas que eu sei tão bem como vós, acudiu outra personagem que até ahí não havia entrado no colloquio.

— Ai! credo! estava ahí, tia Dorothea! Não tinha dado por tal. Eu t'arrenego, bruxa do inferno que appareces em toda a parte!

Esta apostrophe fóra apenas murmurada em voz sumida, mas um gesto de repulsa que a acompanhou a teria denunciado a olhos menos sagazes e previstos do que os da velha que interrompera o dialogo.

Esta velha estava sentada na coiceira do arco da entrada do pateo. Parecia ter os seus sessenta annos: o aspecto era repulsivo. Creatura engelhada e tremula, de olhos pequenos e profundamente encovados, mas fusilando-lhe nas orbitas como dois focos de luz, nariz agudo como que farejando no ar o que os ouvidos não podiam escutar, de bocca sorvida como que denunciando a reserva de uma alma retrahida. Juntae a todas estas indicações um cabello de cambiantes ruivas e grisalhas, arripiado e atado em tope no alto da cabeça com um orello, e o rosto, a que todos estes caracteristicos davam um indefinivel tom de malignidade sarcastica e a expressão repellente da sagacidade selvagem, sordindo d'entre as dobras de uma mantilha de baetão cinzento, em que aquella mulher estranha se envolvia e conchegava, acorada ao sol, e tereis o retrato completo d'esta personagem, sempre presaga de ruíns agoiros para o animo assustadico e supersticioso da gente da villa. Um amator de bellas-artes veria n'ella o typo exagerado d'essa continua personificação das velhas de lareira dos quadros do Morgado de Setubal; mas o espirito creado no seio das crenças e fabulas do povo, tomal-a-hia pela realisação dos rasgos de phantasia com que o terror e a credulidade populares se aprazem de pintar uma verdadeira bruxa.

E effectivamente a tia Dorothea gosava d'esta reputação. E para mais a arraigar concorria o sem aspecto sinistro e a vida mysteriosa que levava, isolada n'um cazebre, alpestre e derruido, fora do povoado, no caminho que ia dar á tapada dos duques de Bragança.

Mal soara a sua voz, e que as duas moraóloras do pa-

teo da tarasca deram por ella, um movimento instinctivo de repulsa e terror foi o primeiro gesto que se manifestou n'estas.

A lavadeira persignou-se, e a velha Perpetua resmungou a imprecação que notámos.

A tia Dorothea sorriu-se, acenou a cabeça com malicia e reserva, conchegou-se mais no seu chale de baetão, e continuou:

— Julgavam que ninguem as ouvia?... Enganavam-se: a má lingua acha ouvidos em toda a parte. Não era preciso eu estar aqui para as suas palavras correrem a villa: a mentira e a intriga tem azas proprias que as faz voar.

A ira pintou-se no rosto das duas.

A velha Brites não se pôde conter que não desabafasse.

— Aqui, se ha intrigantes e más linguas, grita ella, não somos nós que não vivemos de metter o enredo nas familias, blasenando artes de Madre Celestina!...

— Ai! cale-se, visinha; disfarce: não a provoque. Não sabe que a mulher vive em intelligencia com o demo, accrescentou em voz baixa a velha Perpetua.

— Eu em estando bem com Deus e com a minha consciencia, não temo maus olhados nem maleficios. O que eu estava dizendo era uma coisa que já toda a visinhança sabe.

— Mentos!... interrompe a tia Dorothea, ainda ninguem o sabia na villa senão a velha Brazia e seu filho, e a ama do senhor cura, a tia Quitéria, que t'o disse a tí esta manhã.

— A mulher é o demo em carne! resmunga a lavadeira deixando cair no chão um par de meias que ia estender na corda, e recuando alguns passos, como impellida pelo olhar fuscante e imperativo da velha Dorothea. Eu t'arrenego! a mulher falla com o diabo á meia noite!... Não pode deixar de ser.

O espanto de Brites communicou-se á sua companheira. Ambas olharam admiradas para a bruxa.

N'este momento a velha ergueu-se. A sua estatura era elevada: andava a custo e abordoada a uma muleta de mão. Chegou-se junto das duas, que se sentiram como petrificadas pelo poder mysterioso que aquella mulher exercia sobre toda a gente de Villa Viçosa, e depois de alguns momentos de silencio proferiu estas palavras:

— Espantam-se de que eu saiba a verdade?!... Não admira, porque bem curam de a denegrir e desfigurar as agulhas ferrugentas. Mas sei tudo. Pois olhem que para o saber não ando pondo o ouvido ás portas, nem me insinuo por entre as sombras da noite, afim de devassar o que se passa e diz.

— Pudera, se ella falla com o demo; ateima a senhora Perpetua em tom grave.

— Fallo contigo e com outras que taes, que valem tanto como o demo. Dize-me, que mal te fez essa pobre gente para lhe estares a assoalhar coisas que tu não sabes, e de que lhe podem vir transtornos?

— Qual gente? a do sapateiro Jacintho? responde, acabrunhada pelo olhar fulminador da velha Dorothea a lavadeira.

— Sim; a do sapateiro Jacintho. Era melhor que voltasses essa lingua damnada contra essa tua visinha, que mora ahí no fundo do pateo, e contra seu filho, que são as almas mais negras de toda a villa.

— O que? André?... André é um rapaz activo e laborioso.... Toda a sua desgraça proveiu de se ter deixado enredar pela sobrinha do sapateiro, accrescenta Brites chegando-se para a velha.

— Faltas á verdade. Carlota é uma boa rapariga, trabalhadeira e honesta. Nunca gostou senão do primo, de Agostinho. O filho d'essa recoveira de namoricos, da tua amiga Brazia, é que nunca se quiz capacitar d'isso. Ainda ha tres dias, depois de ter espreitado a deshoras o que se passava em casa do velho Jacintho, lhe foi na manhã seguinte pedir a sobrinha para esposa. Já era a terceira vez que o fazia. Mas a resposta foi ainda a mesma. A um vil espião da inquisição não se dão sobrinhas dos dotes e prendas de Carlota!...

— Foi isso que lhe respondeu? disseram as duas, pasmadas.

— Foi sim: e o teu André, o vosso André, saiu d'ali furioso. Depois d'isso jurou vingar-se; e partiu hoje, quando ainda as estrellas nem luziam no ceo, para dar começo a essa vingança. Mas engana-se! Se elle vai atraz de Agostinho para maus fins, alguém irá apoz elle para lhe atar as mãos em todos os intentos de maldade.

As duas estavam pasmadas, ouvindo a velha Dorothea. N'esta occasião havia ella perdido a sua natural expressão de malignidade feroz, e o que quer que era de inspirado lhe illuminava o rosto e fulgia no olhar, com todo o fogo de uma expressão mysteriosa e lugubre.

— Mas ainda assim tenho um pesar!... continua aquella mulher estranha. É o pesar que me punge já aqui dentro.

N'isto poisou a mão direita sobre o peito, e depois accrescentou:

— É que André não hade vencer, mas tambem Carlota, a minha pobre Carlota que eu quasi creci! hade ser muito desventurada!... Ella não será esposa de André, mas não o será tambem do homem que ella ama. Uma grande desgraça se metterá de permeio: á ingratição e a morte!

(*) Do num. 43.

N'isto a velha Dorothea calou-se, chegou a mantilha aos hombros, e saiu do pateo.

As duas vizinhas entre-olharam-se, murmuraram algumas deprecações quasi imperceptíveis, e benzeram-se. Com a ausencia da velha, sentiram que novo ar lhes reanimava o interior desfallecido.

Já as não affligia o influxo estranho que as tivera tão enleadas e opprimidas.

A velha bruxa, como ellas lhe chamavam, tinha desaparecido, mas a impressão das suas palavras havia-se gravado bem fundo na memoria das duas.

Uma grande desgraça se metterá de permoio: a ingratitude e a morte!

Esta phrase final, retumbou por muito tempo em seus ouvidos.

Continua.

ANDRADE FERREIRA.

EGREJA D'ASSUMPÇÃO EM MOSCOW.

A antiga capital da Russia é talvez a cidade mais singular do mundo, notavel pelo desmedido ambito, originalidade de construcções, concorrência de povos diversissimos, e variedade de situações e locaes que occupa. Os russos lhe chamam, como os catholicos a Roma, a cidade santa, e tambem a cidade das muralhas brancas, a mãe da Russia, e em toda a parte do imperio lhe professam grande veneração.

Cinco qualidades contribuem para dar a Moscow um caracter especialissimo e sem igual.

Primò: ali predomina indisputavelmente o antigo e genuino estylo russo de architectura; seja bom, seja mau, seja barbaro ou carregado, como cremos, com alguns intrinsecos e eternos elementos de belleza, o certo é que em nenhum outro paiz assim existe, que o estrangeiro não está preparado para receber as suas impressões, porque em tudo é unica, em genero, ordem, especie, e por assim dizer, assalta, surprehende a vista.

Secundò: porque o numero dos templos em Moscow é muito e muito maior do que em parte alguma, e em parte alguma se elevam tanto em relação aos edificios mais baixos: imagine-se que effeito farão mais de quinhentas d'estas construcções, cada uma coroada de corucheos, torres e campanarios, surgindo do nivel dos tectos inferiores, com toda a gradação de côres simples e compostas, que no mais opulento jardim podem achar-se, desde o oiro coruscante até a macia violeta; o viajante fica absorto contemplando este maravilhoso panorama, collocando-se em qualquer das eminencias circumvisinhas, sobretudo no Renque occidental chamado « monte dos pardaes », e sobretudo subindo ao fastigio da torre de Ivan Veliki entre os castellos, palacios e egrejas do Kremlin.

Tertiò: porque o modo como está Moscow espalhada em todo o seu amplissimo espaço e o systema da construcção facilitam á vista examinal-a miuda e circunciadamente; basta dizer que tendo Paris perto de milhão e meio de habitantes, Moscow occupa quasi igual extensão contendo apenas quatrocentos mil de população ordinaria, excepto algum accrescimento da fluctuante em determinadas epochas do anno.

Em quarto logar: porque o terreno excessivamente accidentado em perpetuas alternativas de collinas e vales produz ainda mais singulares effeitos. Quinto, finalmente e sobretudo: porque em nenhuma parte do globo a influencia dos cambiantes da luz e côres produz maior, nem mais vantajosa impressão nos sentidos.

A notabilidade, além d'estes pontos geraes, que atrahem a Moscow é o Kremlin, vasto recinto com obras mui diversas. D'elle teremos logar de fallar mais detidamente por occasião de outras estampas que brevemente inseriremos. No Kremlin se comprehende a sumptuosa sé da invocação da Assumpção da Virgem, onde ha pouco foi coroado com a pompa extraordinaria, que os jornaes descreveram, Alexandre II, czar reinante.

M.

CHRONICA SEMANAL.

— D'esta vez a loteria da Misericordia promette grandes lucros á agiotagem. Já no primeiro dia o mercado fluctuou entre quatrocentos e mil e quinhentos réis. Para se conhecer o numero de pessoas que affluiram á Misericordia, bastará dizer que ainda ás oito horas da noite do dia da venda havia gente no Largo de S. Roque á espera de vez para entrar. Havia municipal de cavallaria e infantaria, e assim mesmo não se pôde evitar que no primeiro impeto ao abrir a porta da Misericordia ás sete da manhã, houvesse quedas, rasgões, e muito socco.

— N'este mesmo dia, pelas duas horas da tarde, o sr. D. Alvaro Henriques Romo, deu uma queda perigosissima na rua de S. Bento. Desbocaram-se-lhe os cavallos da americana, e arremessando-se do carro ao chão, bateu com a cabeça na quina do Arco de S. Bento, e envolvido o corpo pelas guias, assim foi arrastado um largo espaço. Infelizmente morreu poucas horas depois.

— O sr. doutor Corrêa Caldeira foi despachado secretario do conselho de estado.

— Falla-se em duas novas nomeações diplomaticas: o sr. marquez de Nisa para ministro residente na corte de

S. Petersburg, e o sr. conselheiro Antonio José d'Avila para a corte de Madrid.

— É esperado no proximo paquete o sr. commendador Lobo de Moura, que foi transferido da legação da Russia para a de Roma.

— A prima donna Vietti cantou na Semiramis, em o nosso theatro do Porto. Diz o «Clamor Publico», que não havia exaggeração na fama que a precedia, e que possui em alto grau extensão de voz, timbre agradável, e estylo.

— Foi promulgado em Napoles o tratado de commercio com os Estados-Unidos, e espera-se uma revisão geral das pautas das alfandegas. O rei ainda está em Gaeta.

— Houve um incendio em Pera, bairro de Constantinopola, no qual ficaram destruidas seiscentas casas de madeira. As autoridades e irmãs da caridade haviam recolhido as familias que ficaram sem asylo. Na cidade abriu-se uma subscrição para as soccorrer.

— Houve igual sinistro em Andrinopolis no dia 6 do passado.

— Em Rhodes caiu um raio no grande deposito de polvora estabelecido nas abobadas onde se enterravam os antigos cavalleiros. Occasionou a destruição completa do quartel turco, escapando unicamente tres creanças. As victimas foram mais de mil.

— Uma companhia russiana comprou quarenta navios para estabelecer a navegação do mar Negro.

— O principe da Persia, e o primeiro ministro foram condecorados pela Russia.

— A cholera está fazendo horribes estragos no golpho persico.

— Em 1638 não se contavam em Paris mais de trezentas e vinte carruagens: hoje, só para transporte de pessoas circulam setenta mil nas ruas d'aquella capital.

— Estes ultimos dias tem corrido boatos de crise ministerial.

— Falla-se n'um tratado de commercio entre a Russia e Napoles concernente a navegação.

— No dia 7 do passado partiu para a Italia o imperador d'Austria, acompanhado de sua esposa.

— A policia de Madrid fez algumas prisões obrigando os botequins a fecharem á uma hora da noite.

— Corre noticia que o general Palmeirim obteve a sua demissão de director do collegio militar, e que vae ser substituido pelo sr. brigadeiro José Maria Baldy.

— Chegou o sr. barão do Zezere que vem tomar o commando da torre de S. Julião da Barra.

— Cantou-se nos Martyres o officio funebre por alma dos fallecidos irmãos da irmandade de Santa Cecilia. No coreto havia quasi cento e quarenta executantes, entrando n'este numero varios artistas de S. Carlos.

— Diz-se que a esquadra do almirante Lyons vae invenernar em Inglaterra.

— Uma folha d'esta capital diz-nos que os espinafres foram ao principio cultivados na Arabia, e que a cebola é originaria do Egypto.

— Os trigos baixaram em França em consequencia da grande abundancia que tem concorrido aos seus portos.

— A Russia acaba de fazer uma nova proposta para a abertura das conferencias em Paris.

— Continuam as tentativas de suicidio na muralha de S. Pedro d'Alcantara. A semana passada foi salva uma viuva quando já se preparava para este sinistro.

— Acabam de chegar a Londres cento e quarenta mil onças de oiro proveniente da Australia.

— Diz-se que a Russia renuncia á ilha das Serpentes, porém quer conservar o Belgrado.

— O banco commercial do Porto acaba de subscrever para o emprestimo do governo com cem contos; as subscrições particulares montam a trezentos contos, e a do banco de Lisboa é de trezentos e doze contos e quinhentos mil réis.

— Na terça feira embandeiraram-se e salvaram as embarcações de guerra portuguezas por ser o anniversario do imperador D. Pedro II do Brazil. Por este motivo o ministro do Brazil e o secretario e addidos da embaixada tiveram a honra de jantar no paço.

— No mesmo dia foi sua magestade el-rei o sr. D. Fernando visitar a fragata ingleza Merrimac.

— Prepara-se um novo espectáculo. São corridas nocturnas de toiros, illuminada a praça com profusão de luzes de gaz.

— No largo defronte do extincto convento de S. Francisco vae fazer-se um jardim. Na surriba a que se está procedendo tem-se encontrado muitos ossos humanos.

— O theatro nacional do Porto tem tido enchentes reaes todas as noites que representa o actor Taborda.

— O deposito actual de vinhos no Porto é de cem mil pipas.

— No ultimo dia do mez de Agosto existiam a carga da roda na Misericordia de Lisboa dez mil oitocentos e dezeseite expostos.

— N'esta semana os cambistas tem feito fome de prata. — Falleceu a esposa do conselheiro, Diogo Antonio Correa de Sequeira Pinto.

— A companhia Utilidade deu por concluida a linha de estrada de Vianna a Villa Nova de Famalicão, e a de Amaranthe ao Porto.

— A alfandega de Setubal rendeu no mez de outubro 762\$260 rs.

— O termo medio de passageiros diariamente no caminho de ferro de Leste é de seiscentos e cincoenta.

— Cem habitantes da freguezia de Santa Comba de Regilde, concelho de Felgueiras, reunidos a toque de corneta, e alguns armados, foram á tapada do sr. Manuel Antonio da Silva Bravo, actualmente residente no Rio de Janeiro, e a derribaram.

— Chegaram a Madrid dez irmãs da caridade, francezas, que se vão encarregar d'um estabelecimento de beneficencia n'aquella cidade.

— A feira de Viseu foi muito concorrida, e o negocio que n'ella se fez foi grande.

— A população dos Estados Unidos d'America no anno de 1855, era de 27130727 almas.

— O actor Braz Martins teve em a noite do seu beneficio no theatro nacional do Porto, uma enchente real.

— Chegou a Leiria o parque de artilheria que anda em viagem de experiencia. Fez ali exercicio simulando um combate, e a tomada de um forte.

— Falla-se na appareição de um novo jornal politico em Guimarães.

— Diz-se que o imperador d'Austria em chegando á Italia dará uma amnistia, da qual se esperam os melhores resultados.

— As ultimas noticias da China são favoraveis aos insurgentes.

— O *Impartial de Smyrna*, datado de 31 de outubro dá os seguintes detalhes sobre o tremor de terra que ali houve:

— Este tremor, que teve logar a 12, fez-se sentir com extraordinaria violencia. Na cidade de Candia, o numero de casas, lojas e armazens que ficaram destruidas é de duas mil quinhentas e oitenta e uma. Além d'estas houve oitocentas e sete destruidas em parte, e seiscentas e vinte duas abaladas. Total quatro mil e dez.

— O numero de victimas humanas felizmente não é tão consideravel como se dizia. A exaggeração, natural em taes circumstancias, elevou-o a cinco mil almas. Comtudo é certo que morreram duzentas e nove pessoas, sendo cento e dezeseis tureos e noventa tres christãos; cento oitenta e um tureos e quarenta e oito christãos ficaram feridos.

— A cidade de Canéa tambem soffreu maior ou menor prejuizo, porém não teve casas derrubadas.

— Tres grandes platanos que havia junto a esta cidade desapareceram, e o campo onde estavam ficou transformado n'um golpho, cheio de agua.

— Mademoiselle Rachel, a tragica franceza, acha-se actualmente no Cairo.

— A crise financeira que actualmente existe diz uma gazeta franceza, é geral: a industria, o commercio, o credito particular e publico, tudo está paralyzado. A causa d'isto, na opinião dos financeiros, provém da desproporção que existe entre o numerario e o numero de empresas.

— Maromme, que é uma aldeia franceza no Sena inferior, e foi onde nasceu o marechal Pelissier, convidou-o para um banquete, ao qual o duque se dignou assistir. A casa onde este personagem viu a luz do dia é hoje uma fabrica de fição. A pessoa que a occupa, fez collocar ali a seguinte inscrição: « Pelissier, Aimable-Jean-Jacques nasceu n'esta casa em 6 de novembro de 1794. »

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA. — RUA AUREA, 227 E 228.

— PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o num. 49 do 13.º vol., 5.º da presente serie.

— A MOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

AVISO.

Os srs. Assignantes da *Illustração*, que quiserem continuar com a assignatura para o anno, terão a bondade de remetter o importe da mesma com a brevidade possivel, afim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal.

Por esta occasião, o Editor tem a honra de prevenir os mesmos srs. Assignantes de que, para o futuro anno, a *Illustração* será consideravelmente melhorada em relação á parte artistica.